

Dinâmicas espaciais nas antigas estradas de acesso a Lisboa: o Largo do Rato e o Campo das Cebolas

Carla Duarte

ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa
DINÂMIA'CET-ISCTE
carla.duarte21@gmail.com

Paula André

ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa
DINÂMIA'CET-ISCTE
paula.andre@iscte-iul.pt

Resumo

Localizados no centro da cidade de Lisboa, o Campo das Cebolas e o Largo do Rato são dois espaços públicos diferentes, situados em áreas distintas, que pertencem a antigas estradas de acesso ao centro e com as quais partilham a história, a evolução, o traçado e as vivências. Este ensaio pretende sublinhar algumas das especificidades que definem estes espaços e que permanecem visíveis na atualidade, identificando quais as causas que justificam a sua natureza e o seu traçado e demonstrando que as mesmas estão inscritas na sua forma física. De entre essas características, salienta-se a camada de base que os acolhe, o que Orlando Ribeiro designa por *sítio* de Lisboa, sendo igualmente identificados outros fatores, que contribuem a sua evolução. Pretende-se, assim, evidenciar a importância de olhar para o espaço urbano como um *palimpsesto* (utilizando o conceito de André Corboz), passível de ser apagado, reutilizado e adaptado, para fazer face às exigências das sociedades que os habitam e modificam, e de que é exemplo a atual *sociedade hipertexto* (identificada por François Ascher), e, dessa forma, optar por estratégias de análise e de intervenção urbanas, que sejam as mais adequadas. Serão assim identificadas as diferentes *layers/camadas* que as constituem (como definido por Nuno Portas) e a forma como elas se interligam, para a criação dos espaços. O traçado que o Campo das Cebolas e o Largo do Rato apresentam, é resultado de fatores históricos, políticos, urbanos, arquitetónicos, culturais e sociais diferentes, que estão inscritos na sua forma e na sua vivência.

Palavras-chave

Estradas, Largo do Rato, Campo das Cebolas, Hipertexto, Palimpsesto

Introdução

Em Lisboa cruzam-se caminhos que foram traçados ao longo dos séculos de evolução da cidade, estradas que traziam os víveres do campo, para o centro e que permitiam que a ligação a territórios mais distantes, fosse possível. Por aqui se fez a expansão espontânea da cidade, junto às vias de comunicação, que constituíam linhas de penetração no território, de crescimento e de definição da malha urbana e de construção de comunidades.

Olhando para a cartografia da Cidade aqui analisada¹, verifica-se a construção e a sedimentação desses eixos, que resistiram ao Terramoto de 1755, e ao subsequente plano de reconstrução Pombalino, bem como às expansões urbanas dos séc. XIX e XX. Ao contrário da tradição das grandes cidades europeias, de imposição de novas malhas urbanas à estrutura existente, com a demolição da traça antiga, em Lisboa as novas expansões tentaram preservar o tecido existente, construindo ao lado e interligando as novas linguagens e necessidades urbanas e arquitetónicas, às construídas, o que permitiu que estas antigas estradas, permanecessem no traçado urbano e na vivência e memória coletivas.

A análise da cartografia histórica, permite igualmente verificar que, embora essas linhas se tenham mantido, enquanto eixos estratégicos de expansão, foram sendo, simultaneamente, alvo de alterações no desenho e na estrutura, com o alargamento das vias, a redefinição de praças e de largos, ou o preenchimento de áreas vagas com construção. Há uma evolução urbana que acompanha a da cidade e que vai adaptando estas estradas às necessidades, vivências, conceitos e formas de construir cidade, e que também aqui se verifica.

Neste artigo, analisam-se dois largos, localizados em antigas estradas de Lisboa, em áreas que apresentam características distintas e cuja evolução do traçado correspondeu a factos geográficos, históricos, políticos, urbanos, arquitetónicos e sociais muito diferentes, que as moldaram e as transformaram até atingirem a forma atual. Tratam-se de: o Campo das Cebolas e a Rua dos Bacalhoeiros (que aqui será designado apenas por Campo das Cebolas) e o Largo do Rato. O primeiro, situa-se no coração do centro histórico, numa estrada de frente ribeirinha, fora das antigas muralhas defensivas (Cerca Moura e Muralha Fernandina), que liga o Terreiro do Paço até à zona Oriental. A segunda é, desde sempre, um nó de confluência de estradas que aí se cruzavam de uma forma geograficamente natural - o Caminho da Cotovia até Campolide (ligando o atual Cais do Sodré, Largo do Camões, Príncipe Real, Rua da Escola Politécnica e Rua das Amoreiras), a estrada entre o Passeio Público e a zona de São João dos Bem-casados (atuais Rua do Salitre e Rua do Sol ao Rato) e a Rua de São Bento -, e é, por esse motivo, um centro de distribuição de pessoas e de bens, entre áreas de Lisboa.

¹ Salientam-se as séries cartográficas de: *João Nunes Tinoco* (1650), o *Livro das Freguesias de Lisboa* (1756/1768), *Filipe Folque* (1856/1858), *Francisco e César Goullard* (1878), *Silva Pinto* (1911), *Cartografia 1950* e *Cartografia 1970*.



Figura 1 – Cartografia Histórica – Evolução do Campo das Cebolas sobre Ortofotomapa 2016 ²



Figura 2 – Cartografia Histórica – Evolução do Largo do Rato sobre Ortofotomapa 2016 ³

² Ortofotomapa de 2016 disponível em <http://lisboainterativa.cm-lisboa.pt/>

Pretende-se aqui analisar as alterações que aí ocorreram ao longo do tempo e que faz com estes espaços tenham a forma e a vivência que hoje se lhes conhece. A cartografia histórica, a par de um conjunto de imagens de arquivo (fotografias, gravuras, e outras representações gráficas), documentam a evolução desses largos, mas são os próprios que constituem um registo físico dessa evolução, visível *in situ*. Percorrê-los, observando, sentindo e tocando o espaço que rodeia o corpo, é perceber o que Nuno Portas identifica como, as suas várias camadas, ou *layers*, justapostas e sedimentadas, fruto de diferentes épocas, culturas e sociedades, é entender, utilizando o conceito de André Corboz, que os mesmos são *palimpsestos*, espaços reaproveitados e reescritos, junção de linguagens que constituem a história e a vida de comunidades, ao sabor da linguagem e da gramática construtivas vigentes e das necessidades das sociedades e culturas que os foram, apagando, escrevendo e definindo.

A sociedade hipertexto e as layers/camadas

François Ascher identifica a sociedade contemporânea, como a sociedade do *hipertexto*, sistema de várias camadas de comunicação, por onde os indivíduos se movimentam, adaptando a linguagem, o entendimento do espaço e a forma de agir, a cada um desses sistemas, tal como o *hipertexto* permite ligar conceitos separados.

Da mesma forma, para analisar estes espaços, locais históricos que foram evoluindo com a expansão e o crescimento de Lisboa e que participaram na sua história e nas suas vivências, há que olhá-los, identificando os estratos que os compõem. Trata-se de ler as camadas de informação lhes estão subjacentes – os *hipertextos/layers* (utilizando a referida metodologia de análise de Nuno Portas) -, no tecido construído, cultural, histórico e social, nos acidentes naturais de que foi alvo, nas tradições que se mantiveram, na forma como a população o sente e nele vive e atua. Assim, ao se identificarem as *camadas/layers* que aqui coexistem, terão também que se identificar as suas ligações, os laços que as transformam de texto simples, em *hipertexto*, percebendo como se conjugam estes elementos singulares e de que forma os mesmos tornaram estes espaços únicos, locais onde a comunidade se revê.

A camada de base - o sítio

A primeira das camadas a analisar, e uma das mais importantes, é o solo, a base onde assentam estes espaços. As cidades são construídas sobre um território/solo preexistente, com condições geográficas, topográficas, geológicas e de exposição/orientação solar específicas, que definem o desenho e a implantação que irão ter. No caso concreto de Lisboa, e segundo Orlando Ribeiro⁴, o sítio definiu as suas implantação e forma, ao estar situada junto ao imponente estuário do Tejo e, assim, próxima de uma importante via de comunicação marítima (embora defensivamente resguardada), em território fértil para as culturas agrícolas, e suficientemente acidentado, para permitir uma implantação nas colinas e, com isso, ter boa visibilidade para o território em redor e uma adequada capacidade defensiva.

O *sítio* de Lisboa, definiu assim, e numa primeira fase, a forma como a cidade nasceu, se consolidou e se expandiu para os territórios adjacentes, crescendo em população e em tecido construído.

³ Ibidem.

⁴ RIBEIRO, Orlando - Le site et la croissance de Lisbonne. **Bulletin de l'Association de géographes français**, n.º 115, Juin-Octobre 1938, pp. 99-103.

A forma e a vivência do Campo das Cebolas – terreiro plano no sopé da colina do Castelo, virado a sudeste e aberto sobre o estuário, antiga praia do Tejo -, não se pode dissociar do *sítio* onde se insere. Seria um espaço diferente se estivesse localizado na encosta, ou no topo da colina. A luz que o caracteriza, forte e intensa, seria diferente, bem como a exposição ao sol e ao vento, ou o tipo de atividades que aí existem e que estão ligadas ao rio. Aqui, o *sítio* ajudou a desenhar o espaço, foi o molde e a base para a sua gênese e para as futuras evoluções do seu traçado.

De igual modo, o Largo do Rato, a meia encosta da colina e local de passagem de caminhos que aí se cruzam, deve ao *sítio* parte da forma e das suas características, não se conseguindo dissociar da função de nó de distribuição urbano e de cruzamento de redes – redes de transportes, de funções (ligando os bairros residenciais de Campo de Ourique ou Estrela, à área financeira do Bairro Barata Salgueiro, às atividades noturnas e de lazer, no Bairro Alto, ou ao governo central, em São Bento).

Dinâmicas Evolutivas dos Largos - A cidade como palimpsesto

Mas não é apenas o *sítio* a definir a forma e a evolução de um local. As paisagens possuem em si traços das épocas que por si passaram, tatuagens que vão sendo escritas no território, ao longo da sua existência. Analisar um espaço, é também entender que ele foi alvo de diversas intervenções ao longo das suas história e construção, que é o produto da ação de várias culturas e sociedades que o habitaram e transformaram, adaptando-o às suas necessidades, sendo um documento preciso sobre o modo como o território e a paisagem, eram entendidos e vividos.

André Corboz descreve o território das cidades como um *palimpsesto*, como uma área que, tal como um pergaminho apagado/raspado e reaproveitado para nova escrita, foi *limpa*, reaproveitando-se o seu solo para a concretização de novas intervenções, que juntam às existentes, reescrevendo a história do local e alterando a sua paisagem.

“The land, so heavily charged with traces and with past readings, seems very similar to a palimpsest. To set up new developments, to exploit more rationally certain lands, it is often necessary to modify their substance in an irreversible manner. But the land is not a throw-away wrapper or a consumer product which can be replaced. Every land is unique, whence the need to “recycle,” to scrape clean once more (if possible with the greatest care) the ancient text where men have written across the irreplaceable surface of the soil, in order to make it available again so that it meets today’s needs before being done away with in its turn.”⁵

O território assim *apagado/raspado*, não é, ele próprio apagado ou limpo de vestígios de intervenções (ou ações) anteriores, é o resultado dessas intervenções que o transformam e que nenhuma limpeza consegue eliminar, ao estarem subjacentes e visíveis.

O Largo do Rato e o Campo das Cebolas, são disso mesmo exemplo, constituindo espaços emblemáticos que se foram transformando e evoluindo, ao longo do tempo, alvo de crescimento espontâneo e orgânico da cidade, assim como de pequenas

⁵ CORBOZ, André - The Land as Palimpsest. **Diogenes**. Vol. 31 (1983) pp. 12-34. <https://www.atlasofplaces.com/essays/the-land-as-palimpsest/>

intervenções que os adaptaram às necessidades exigidas pelas sucessivas comunidades que neles viveram, habitaram e transformaram, pergaminhos raspados e reescritos, sempre que a evolução da cidade e da sociedade o exigiram, ou sempre que fatores políticos, culturais, económicos, bélicos, ou físicos, o impuseram. Eles estão associados a uma alteração na forma como as comunidades vivem e transformam as áreas que habitam, adaptando-as às suas necessidades. São um espelho da história desses mesmos locais, contando, através da sua estrutura e dos vestígios que as camadas de construção e de justaposição de malhas urbanas e arquitetónicas, foram deixando visíveis, as características e as necessidades das sociedades e das culturas que os construíram.

O Campo das Cebolas

Tomando como exemplo o Campo das Cebolas, e olhando para a sua estrutura construída, numa primeira fase, foi a linha de costa e a necessidade defensiva da cidade islâmica, a definirem o espaço, materializando conquistas territoriais. O espaço documenta assim, não apenas uma alteração física, mas a história da construção do país e de Lisboa, através do registo inscrito no tecido urbano, da vontade de definir fronteiras e territórios, de identificar e de construir comunidades e de impor uma religião (a islâmica, ou a cristã), a um povo. Aqui, as sucessivas muralhas defensivas constituíam uma barreira que separava a cidade do rio. Aqui, consegue-se perceber que existiu um muro defensivo paralelo à praia e que havia portas que permitiam penetrá-lo, acedendo ao interior da cidade e a que correspondem, a atual frente construída da Rua dos Bacalhoeiros⁶ e os arcos que acedem ao interior da malha de Alfama. Caminhar aqui, entrando dentro e fora dos arcos, entende-se a presença de um muro que continha o crescimento urbano, enquanto do lado do Campo das Cebolas, se sente a presença do rio, há uma abertura de vistas e de espaço. Entrando em Alfama através de um dos arcos, essa amplitude de espaço dá lugar a uma sensação de clausura, da presença de um muro que cerca a área, de uma malha islâmica e medieval, de ruas estreitas, escuras, irregulares, onde não há espaços disponíveis para construção, de uma tensão que a Cerca impôs e que se manteve até à contemporaneidade.



Figura 3 – Série cartográfica de Tinoco (1650)⁷

⁶ Muitos destes edifícios estão assentes nas fundações da pedra da muralha e, no Arco Escuro, ainda é visível a estrutura fortificada, no envasamento dos edifícios.

⁷ <http://lisboainterativa.cm-lisboa.pt/>

A cartografia histórica de Tinoco, mostra bem a definição da linha de costa, a malha irregular e compacta de Alfama e como este era um terreiro, designado por *Praça da Ribeira*, nome associado ao do mercado que aí surge no séc. XVI - a *Praça da Ribeira Velha*⁸. Este era também um território de aterro, ganho ao rio, durante o reinado de D. Manuel I com

“(…) uma renovada frente urbana, na qual se instalaram novos palácios da nobreza e burguesia comerciante, incorporando a antiga muralha. Lisboa era uma cidade voltada ao rio e a Ribeira Velha um amplo terreiro onde era possível aportar pequenas embarcações.”⁹

Entre os séc. XVI e XVIII, o Campo das Cebolas é um terreiro frente ao rio, com um cais para desembarque dos produtos que abasteciam o mercado¹⁰. Um painel de azulejos do Séc. XVIII, pertença do Museu de Lisboa, comprova-o, mostrando o aspeto que teria, com a presença da Casa dos Bicos e, atrás, de uma torre da muralha, bem como a sua vivência, com as bancas de venda de peixe, o cais de desembarque e os barcos que aí descarregavam o produto da faina diária e os produtos hortícolas, que eram transportados pelo rio.



Figura 4 – Mercado da Ribeira Velha, atribuído a Mestre P.M.P. (Fonte: Museu de Lisboa – Palácio Pimenta)¹¹

⁸ SANTANA, Eduardo & SUCENA, Eduardo - **Dicionário da História de Lisboa**. Lisboa: Livraria Escolar Editora, 1994.

⁹ SIMÃO, Inês; MIGUEZ, João; MACEDO, Marta; FREITAS, Teresa Alves de; FONSECA, Cristóvão; BETTENCOURT, José – Da Ribeira Velha ao Campo das Cebolas, Alguns Dados Sobre a Evolução da Frente Ribeirinha de Lisboa. **Arqueologia em Portugal, 2017-Estado da Questão**. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses: 2017, pp. 1903.

¹⁰ *Ibidem*, pp. 1905.

¹¹ <http://www.museudelisboa.pt/pecas/detalhe/news/mercado-da-ribeira-velha.html>

Com o Terramoto de 1755, foram causas naturais as responsáveis pelo desenho do local, ao destruírem o espaço construído. Um pouco por todo o lado, há vestígios do plano de remodelação pombalina de Carlos Mardel, nos edifícios imponentes do Terreiro do Paço e nos de arquitetura corrente, que salpicam a frente de rua, e na redefinição da linha de costa, com a construção de um novo cais de embarque – o Cais da Ribeira Velha. A camada regularizadora do primeiro plano urbano e arquitetónico de Lisboa, conjugou-se com a irregularidade e diversidade da malha medieval, que havia crescido espontânea e sem planeamento. Um traçado geométrico preciso, delineado a régua e esquadro, veio-se juntar aos bicos da fachada medieval, trazendo uma métrica de vãos simétricos, regulares, de edifícios mais altos, com mansarda e águas-furtadas. Curiosamente, as novas construções mantêm o sistema de muralha e de penetração pelos arcos, não se impondo, mas coexistindo, numa sucessão de camadas de informação.

O antigo mercado dá lugar a um conjunto de construções, associadas às atividades comerciais aí realizadas, como sejam o mercado, os edifícios da *Alfândega de Azeite e Vinho*, ou o de *Ver o Peso*, visível nas cartas de Filipe Folque.



Figura 5 – Série cartográfica de Filipe Folque (1856/58)¹²

¹² <http://lisboainterativa.cm-lisboa.pt/>



Figura 6 - Pescadores junto à Ribeira Velha, autor n.e. (Fonte: Arquivo Fotográfico de Lisboa)¹³ / Campo das Cebolas 2021 (Fotografia da Autora)

Junto à frente edificada da Rua dos Bacalhoeiros, edifícios de 1 e 2 pisos são construídos, ocupando o restante espaço do antigo terreno.



Figura 7 – Rua da Alfândega (1905-07), José Candido d'Assumpção e Souza e Arthur Júlio Machado (Fonte: A.F.L.)¹⁴ / Largo José Saramago (Fotografia da Autora)

¹³ Documento PT/AMLSB/POR/050803, pesquisável em <http://arquivomunicipal.cm-lisboa.pt/pt/>.

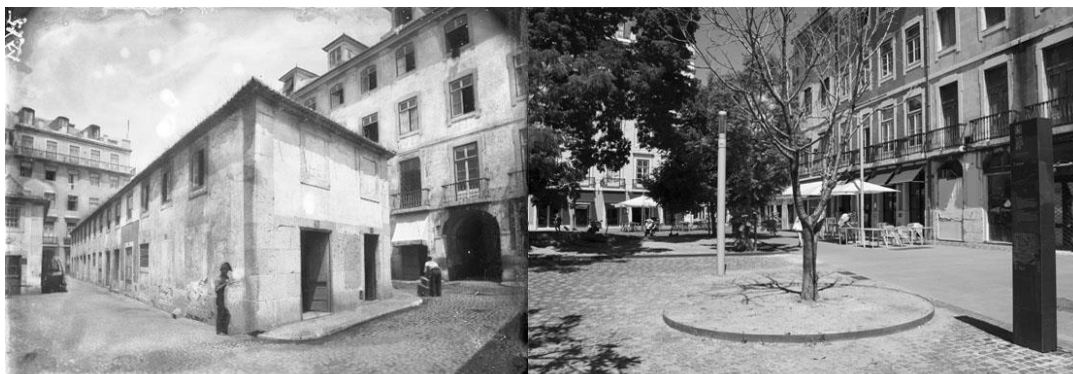


Figura 8 – Terreirinho das Farinhas (1907-07), José Candido d'Assumpção e Souza e Arthur Júlio Machado (Fonte: A.F.L)¹⁵ / Largo José Saramago (Fotografia da Autora)



Figura 9 – Terreirinho das Farinhas (1940-05), Eduardo Portugal (Fonte: A.F.L)¹⁶ / Largo José Saramago (Fotografia da Autora)

¹⁴ Ibidem, documentos PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/003/FAN/003070.

¹⁵ Ibidem, documento PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/003/FAN/000777.

A cartografia de Francisco e César Goullard, mostra bem a anterior linha de costa, apresentando uma alteração, face à de Filipe Folque, com o cais mais definido.

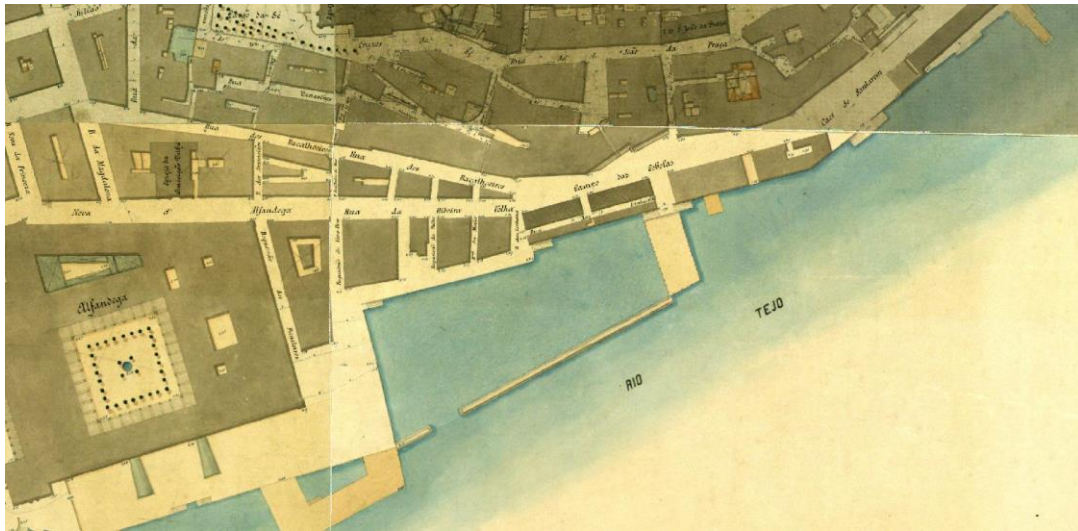


Fig. 10 – Série Cartográfica de Francisco e César Goullard (1878)¹⁷

No final do séc. XIX e princípio do séc. XX, o espaço sofre nova renovação, com a demolição do edifício de *Ver o Peso* e da Doca, para regularizar a linha de costa e permitir a expansão da cidade para o rio e a construção de uma nova doca, mais regularizada e de maior dimensão.

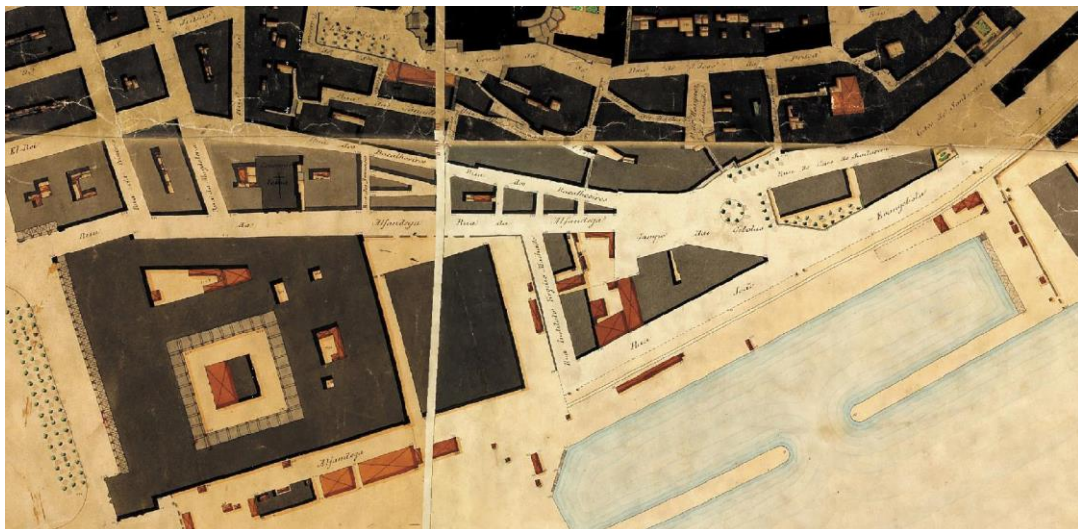


Figura 11 – Série Cartográfica de Silva Pinto (1911)¹⁸

¹⁶ Ibidem, documento PT/AMLSB/POR/058813.

¹⁷ <http://lisboainterativa.cm-lisboa.pt/>

Na década de 40 do séc. XX, as necessidades de mobilidade, com a implementação da linha de elétrico e a construção de infraestruturas de apoio à circulação automóvel, impõem a demolição destes blocos, para criação de um parque de estacionamento.

“Todas aquelas cazinhas, as Cazinhas do Senado da Câmara, que (...) se estendem ao longo das ruas da Alfândega e dos Bacalhoeiros, estão a ser demolidas para desafogo do sítio, e assim, lá se vão os antigos boqueirões, o pitoresco e miniatural terreirinho das Farinhas e o edifíciozinho da antiga estalagem dos Bicos, onde há mais de 120 anos se explora a indústria hoteleira. Mais uma relíquia de Lisboa, a sua antiga e popular Ribeira Velha, que desaparece perante as imposições, aliás naturais, da vida actual.”¹⁹

Trata-se de, mais uma vez, registar as necessidades da população no espaço construído, adicionando outra camada às existentes: a da imposição automóvel e da consequente transformação do espaço público. Essa necessidade de deslocação viária, regista-se também no aumento largura da via lateral ao rio e na utilização do largo como terminal de camionagem de Lisboa.



Figura 12 – Campo das Cebolas (1969), Armando Maia Serôdio (Fonte: Arquivo Fotográfico de Lisboa)²⁰

¹⁸ Ibidem.

¹⁹ MACEDO, Luiz Pastor de – **Lisboa de Lés a Lés. Subsídios para a história das vias públicas da cidade**. Lisboa: Publicações Culturais da Câmara Municipal, 1943, pp. 62.

²⁰ Documento PT/AMLSB/CMLSB/PCSP/004/SER/012804, pesquisável em <http://arquivomunicipal.cm-lisboa.pt/pt/>.

Na década de 80, dá-se uma nova requalificação do espaço, introduzindo-se áreas de canteiros e árvores, embora mantendo o parque de estacionamento.

A mais recente intervenção, de 2018 e segundo projeto de Carrilho da Graça, veio devolver o espaço à sua originária função de largo/terreiro, através da construção de estacionamento subterrâneo e criando-se áreas ajardinadas de estadia, numa perfeita integração com a fachada diversificada, da Rua dos Bacalhoeiros. A obra permitiu descobrir o antigo cais pombalino e a sua escada de acesso, integrando-o no projeto e permitindo tornar visível uma das muitas camadas do seu *palimpsesto*. As escadas voltaram à sua função original, ao serem um dos acessos ao parque.

O Largo do Rato

No Rato cruzam-se várias vias que cresceram sem planeamento e que começaram por ser caminhos rurais que se foram sedimentando, acompanhando a expansão da cidade a norte, após a construção do Bairro Alto.

“As vias foram estabelecidas por processo orgânico, assentando fundamentalmente ou em linhas de festo ou em linhas de vale. Terão sido essencialmente caminhos de servidão rural até à implantação do Bairro Alto (...)”²¹

Trata-se, desde sempre, de um nó de confluência de caminhos e de distribuição entre áreas – é uma *placa distributiva*²² -, por apresentar uma topografia que, de forma natural, o possibilitou. O largo era assim, numa primeira fase, definido por essas vias - um terreiro, ladeado de campos e de hortas, espaço de génese espontânea, localizado fora da muralha e local de mercado de abastecimento da área²³.

O primeiro grande facto que contribui para a sua alteração, foi a construção do Convento das Trinas do Rato (ou de Nossa Senhora dos Remédios), mandado erguer por Manuel Gomes de Elvas, em 1633, segundo projeto de Baltasar Álvares²⁴ (e concluído em 1721), que, com uma presença imponente, se destacava a noroeste, marcando e definindo o espaço. A ele se deve também a designação *Rato*, alcunha por que era conhecido um familiar do fundador do convento e que aqui residia²⁵.

O séc. XVIII é decisivo para a alteração do traçado e vivência do espaço, integrando-o na cidade e transformando-o numa área planeada e regularizada. Nesse século, essa é uma das potenciais áreas de expansão programada de Lisboa, que os planeadores pretendem transformar numa nova cidade, por o sítio apresentar condições topográficas e de exposição solar de excelência e por estar bem servido por vias, que acedem a várias áreas. Foi igualmente neste reinado, que se dotou Lisboa de uma nova infraestrutura de

²¹ ROSSA, Walter – **Além da Baixa, Índícios de Planeamento Urbano da Lisboa Setecentista**. Lisboa: Instituto Português do Património Arquitectónico, 1998, pp. 11.

²² SOUSA, Nestor de - O Largo do Rato, placa distributiva de Lisboa, espaço de vários espaços.

Arquipélago - Revista da Universidade dos Açores. Ponta Delgada: Universidade dos Açores. Vol. 7, nº 2 (1985), pp. 55-100.

²³ Ibidem.

²⁴ <http://lxconventos.cm-lisboa.pt/>

²⁵ ROSSA, Walter – **Além da Baixa, Índícios de Planeamento Urbano da Lisboa Setecentista**. Lisboa: Instituto Português do Património Arquitectónico, 1998, pp. 15.

abastecimento de água – o Aqueduto das Águas Livres²⁶ -, localizando-se aqui um dos canais de distribuição e reservatório principais, bem como um chafariz para abastecimento da população, construído na confluência da Rua do Salitre e da Estrada da Cotovia. Em outubro de 1744, a obra estaria concluída, estando assim o Largo do Rato provido de abastecimento de água.

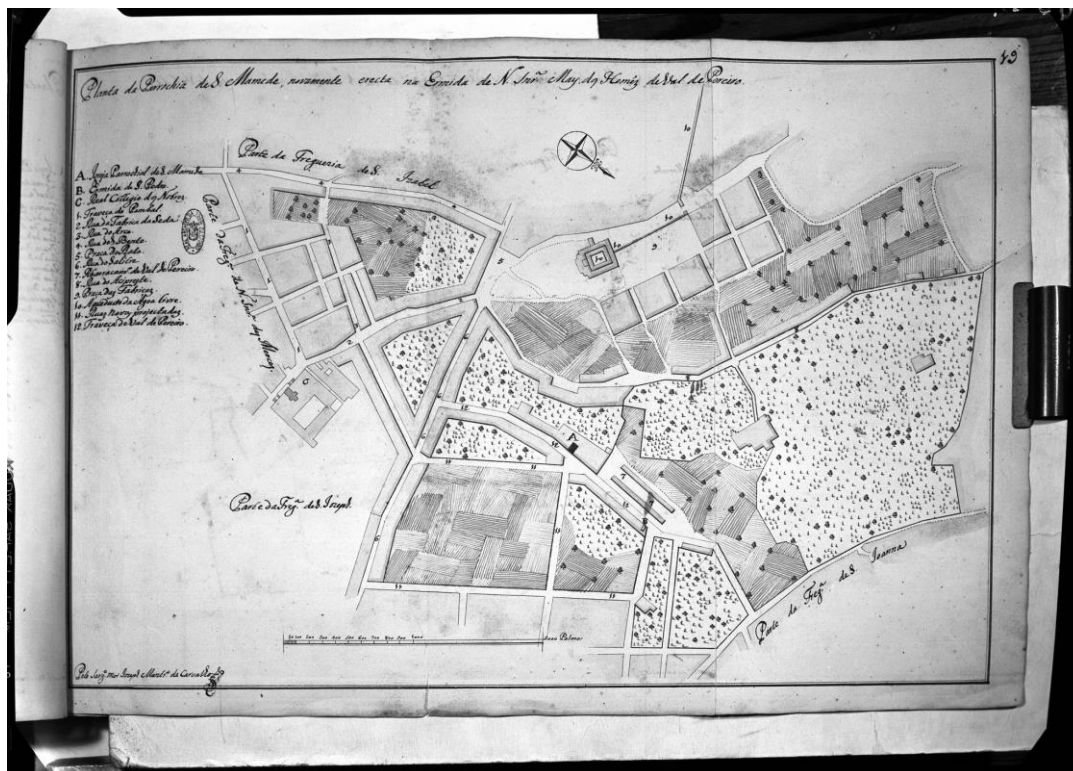


Figura 13 – Fotografia de Manuel Maria de Miranda Serejo da Planta da freguesia de São Mamede traçada por Monteiro de Carvalho (1756)²⁷

A escolha para a implantação do traçado do aqueduto, e do seu principal reservatório, influenciou o traçado do Rato. Numa fase imediata, foi a imagem poderosa e imponente do aqueduto e da Mãe de Água (implantada a uma cota superior), que se impuseram a norte, a par da construção do arco triunfal sobre a Rua das Amoreiras (construído entre 1746 e 1748, sob traço de Carlos Mardel²⁸), porta simbólica de acesso a esta nova cidade. A sul, e também da autoria de Mardel, o chafariz pontua uma esquina.

“O Largo do Rato ganhou um novo estatuto pois passou a ter o valor das praças que normalmente se seguiam às portas da muralha. Tal como elas, foi o espaço de intercâmbio entre o

²⁶ Sob a direção de Manuel da Maia e traço de Custódio Vieira e Carlos Mardel.

²⁷ Documento PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/MMM/000032, pesquisável em <http://arquivomunicipal.cm-lisboa.pt/pt/>.

²⁸ ROSSA, Walter – **Além da Baixa, Índícios de Planeamento Urbano da Lisboa Setecentista**. Lisboa: Instituto Português do Património Arquitectónico, 1998, pp. 81.

urbano e o rural, o sítio onde o saloio veio transacionar os seus produtos até meados do século XIX.”²⁹

A colocação do chafariz aí, foi intencional, ao estar localizado no eixo de todas as vias que então cruzavam o Largo, destacando-se o que se pode designar por *percurso da água* na Rua das Amoreiras – caminho que, descendo pelo arco do triunfo, lateralmente ao aqueduto, que pontua a Mãe de Água, culmina numa esquina com uma fonte.

A possibilidade de acesso a água potável, torna o Rato um local apetecível e propício para uma expansão urbana. À equipa de planeamento do reino, isso não é facto alheio: a nova infraestrutura permite a construção de um polo industrial aqui e de um bairro residencial, para os trabalhadores. Aliás, as duas decisões são interdependentes e implementadas em simultâneo. Em 1738, e enquanto se concluíam os trabalhos do aqueduto, começa a funcionar a Fábrica das Sedas (primeiro, numa localização provisória e, em 1741, na definitiva, construída para o efeito), a que se vêm juntar outras – a Fábrica dos Pentes e a de Loiças do Rato, entre outras –, constituindo o Real Colégio das Manufaturas do Rato.

A construção da Real Fábrica das Sedas, na Rua da Escola Politécnica, e de um conjunto de edifícios anexos, já sobre o largo (os atuais nº 7 a 10), regulariza o seu traçado. Os edifícios apresentam uma métrica regular e precisa, que veio introduzir ordenamento ao Rato, complementando a implantação do aqueduto e das construções associadas. Nesta fase, o espaço público estava localizado junto ao chafariz e era constituído por um polígono de 5 lados irregular, um terreiro, onde confluíam cinco estradas – as atuais Ruas de São Bento, da Escola Politécnica, do Salitre, das Amoreiras e um caminho que levava a São Sebastião. O desnível era vencido através de uma plataforma que em frente à cerca do Convento, então constituído por um adro e por um conjunto de casas – as Casas das Freiras.

Após o Terramoto de 1755, a renovação do Rato torna-se mais premente e lógica. Com a destruição do núcleo central de Lisboa, e sendo esta uma área sísmicamente mais estável, foi uma das escolhidas para dar guarida a uma população desalojada e medrosa. O que, até então, era uma área pouco povoada, de quintas e hortas, vê aumentar exponencialmente o número de residentes que aqui sentem uma segurança, que a parte baixa da cidade não providencia. No largo, e em redor, amontoam-se barracas, para refúgio da população em fuga, o que faz acelerar a edificação do novo Bairro das Águas Livres, junto à Mãe de Água e destinado aos trabalhadores das manufaturas e à população refugiada. A obra inicia-se em 1759 e, segundo Walter Rossa, inclui também uma remodelação do largo (ainda funciona como mercado de abastecimento), com a regularização do seu traçado e a demolição das barracas. É nesta fase também, que se abrem duas novas ruas – a Calçada Bento da Rocha Cabral e a Rua de São filipe Néri (concluída em 1837³⁰).

²⁹ Ibidem, pp. 82.

³⁰ SOUSA, Nestor de - O Largo do Rato, placa distributiva de Lisboa, espaço de vários espaços. **Arquipélago - Revista da Universidade dos Açores**. Ponta Delgada: Universidade dos Açores. Vol. 7, nº 2 (1985), pp. 72.

Estava iniciado o processo de transformação da área num novo eixo de crescimento e desenvolvimento da cidade, em direção a Norte, e de a tornar apetecível para realojar a aristocracia desalojada do centro. Em 1784, surge o Palácio Praia³¹, ou Viana, propriedade de Luís José de Brito, encostado à Mãe de Água e enquadrado entre a Rua das Amoreiras e a Calçada Bento Rocha Cabral, cuja implantação altera a relação estabelecida, até então, entre o reservatório e o largo.

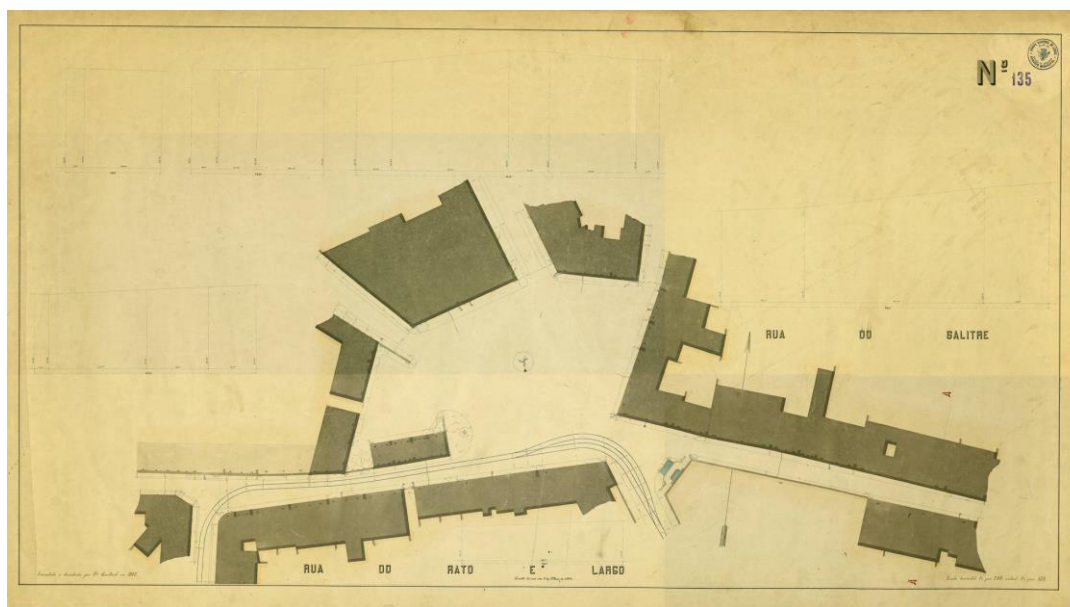


Figura 14 – Levantamento Topográfico de Francisco Goullard n.º 135, de 1882 (Fonte: Arquivo Histórico de Lisboa)³²

De acordo com o levantamento de Francisco Goullard, no séc. XIX, todas as frentes do largo já estavam definidas, apresentando o lado sul a frente de rua que existente atualmente. Neste século, a construção da Avenida da Liberdade e do Bairro Barata Salgueiro, faz com a modernização imposta à cidade, ao jeito das largas e arejadas avenidas parisienses, chegue ao Rato, com a abertura, em 1882, da Rua Alexandre Herculano. O que era, até então, um largo fechado, definido por ruas estreitas e orgânicas, e frentes baixas, passa a ser um nó de distribuição descaracterizado, onde a tentativa de ligação entre a cidade nova e a antiga, carece de desenho e de planeamento. Em 1885, e acompanhando a tendência de renovação do largo, remodela-se o convento das Trinas, sob projeto de Luís Caetano Pedro de Ávila e alterando o que fora a sua traça original.

Em 1910, o município altera a designação do *Rato* para *Praça do Brasil*, nome oficial que mantém até 1948³³, quando regressa ao topónimo original que se mantivera, no entanto, na tradição oral.

³¹ Atual sede do Partido Socialista.

³² Documento PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/MMM/000032), pesquisável em <http://arquivomunicipal.cm-lisboa.pt/pt/>.



Figura 15 – Série Cartográfica de Silva Pinto (1911)³⁴



Figura 16 – Largo do Rato (ant. a 1917), Alberto Carlos Lima (Fonte: A.F.L.)³⁵ / Largo do Rato em 2021 (Fotografia da Autora)

³³ Segundo referido na plataforma *Geodados* da C.M.L. (<https://geodados-cml.hub.arcgis.com/datasets/cultura-toponimia-1?geometry=-9.487%2C38.698%2C-8.834%2C38.791>).

³⁴ <http://lisboainterativa.cm-lisboa.pt/>.

³⁵ Documento PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/LIM/000905, pesquisável em <http://arquivomunicipal.cm-lisboa.pt/pt/>.



Figura 17 – Praça do Brasil, com as Casas das Freiras ao Fundo (1930), Eduardo Portugal (Fonte: A.F.L.)³⁶ / Largo do Rato 2021 (Fotografia da Autora)

As alterações efetuadas durante o séc. XX, onde se inclui a redefinição da Rua das Amoreiras, com a demolição do adro e das Casas das Freiras, em 1937/38, e das casas fronteiras à fachada sul (que limitavam a visualização desse lado aos edifícios anexos à Fábrica das Sedas e que podem ser visíveis na Fig. 16, à esquerda) e a abertura da Avenida Pedro Álvares Cabral³⁷, destruíram o desenho e ordem que os planos de Oitocentos aí tinham, magistralmente, colocado, perdendo-se o acesso direcionado para o Chafariz, que constituía um dos elementos de agregação do olhar e de entendimento e composição do largo, e a noção de espaço delimitado e contido, que o Rato possuía.

Em Dezembro de 1997, é inaugurada a Estação de Metro, em frente ao chafariz, acrescentando-se mais um elemento desestabilizador da composição e aumentando a função e a imagem de nó viário e área de passagem. Com essa escolha de implantação no espaço, o chafariz deixa de ser importante, só sendo visível para quem sobe os degraus da estação, ou se dirige para as Ruas da Escola Politécnica ou do Salitre, perdido que está na confusão de informação aí existente.

³⁶ Ibidem, documento PT/AMLSB/POR/056691.

³⁷ Nestor de Sousa menciona que, com a abertura desta via, se demoliu um teatro junto à esquina com a Rua do Sol ao Rato.

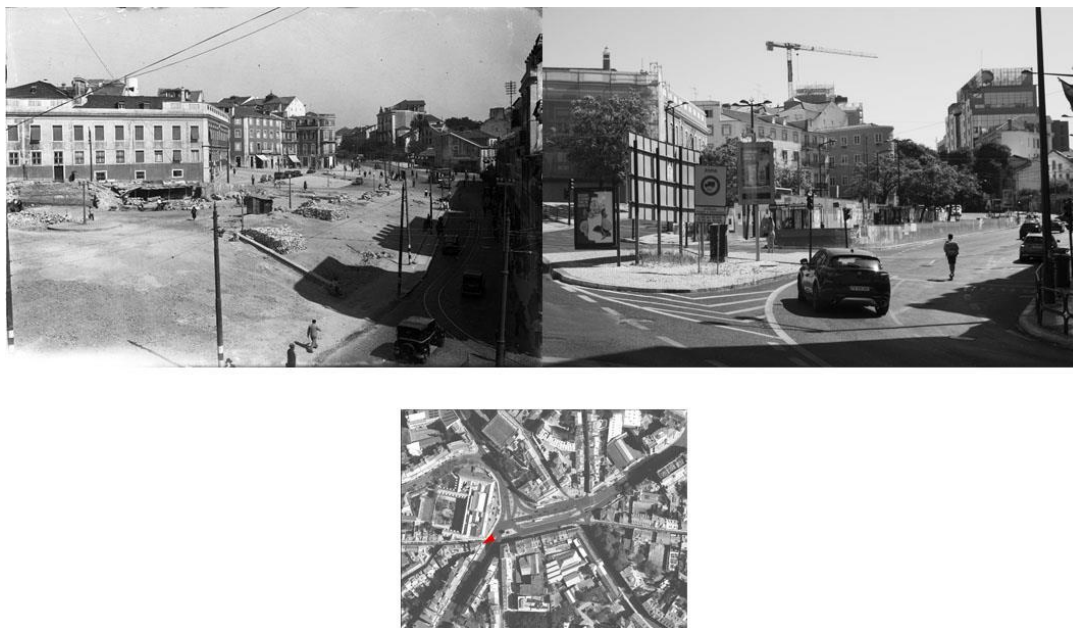


Figura 18 – Praça do Brasil durante as obras (1936), Eduardo Portugal (Fonte: A. F. L.)³⁸ / Largo do Rato 2021 (Fotografia da Autora)

Conclusões

O estudo de dois espaços públicos, localizados em áreas distintas de Lisboa, permite verificar como a sua evolução urbana foi diferente, por terem sido sujeitos a causas e efeitos diversos. Se, no caso do Campo das Cebolas, foram questões de ordem física (como a proximidade da frente ribeirinha do Tejo e a destruição resultante do Terramoto de 1755), histórica (ao estar na orla das sucessivas muralhas de defesa), económica (a relação com o rio, propicia a existência de atividades piscatórias e similares), a definirem o seu traçado, no Largo do Rato, foram as físicas (o ser topograficamente um nó de confluência de vias) e as resultantes de um planeamento programado (a construção do Aqueduto das Águas Livres, das Fábricas Reais e dos bairros associados e, no séc. XX, a abertura de um conjunto de vias regularizadas e largas e da rede e estação de metropolitano), a ditar parte dos fatores que influenciaram no seu traçado e na sua imagem.

As diversas intervenções de que o Largo do Rato foi sujeito, a partir do final do séc. XIX, destroem a tentativa de regularização e de planeamento do espaço, que Oitocentos implementou, salientando a função de nó de distribuição e de ligação entre áreas da cidade, que mantém até hoje e de que será difícil libertar-se.

No Campo das Cebolas, embora tenha havido uma sucessão de assoreamentos da frente ribeirinha, aumentando a sua área em direção ao rio e alterando a relação que com ele mantém, a génese medieval do espaço permanece visível, principalmente na leitura da fachada da Rua dos Bacalhoiros e nos acessos à malha interior das antigas muralhas, através dos arcos, bem como a importância da proximidade do rio, que está patente no seu desenho, vivência e leitura.

³⁸ Documento PT/AMLSB/POR/012885, pesquisável em <http://arquivomunicipal.cm-lisboa.pt/pt/>.

Se, no caso do Largo do Rato, o *palimpsesto* foi mais apagado, alterado e destruído, para reescrever e forçar a imposição das necessidades viárias da sociedade moderna, no Campo das Cebolas, a mais recente intervenção permitiu tornar visível e reintegrar nos usos e funções da cidade contemporânea, os vestígios recuperados do passado.

A leitura das várias *camadas/layers* de informação disponíveis, permite entender estes dois largos, reconstruindo a sua evolução e adquirindo um conjunto de informação que pode ser utilizada para futuras intervenções. Caminhar nestes espaços é ler e compreender a sua história e perceber que os mesmos são documentos físicos, registos das alterações a que foram sujeitos ao longo do tempo.

Bibliografia

ASCHER, François – **Os Novos Princípios do Urbanismo**. São Paulo: Romano Guerra Editora, 2010.

CASTILHO, Júlio de – **Lisboa Antiga, Bairros Orientais, Vol. X**. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1935, pp. 13.

CONCEIÇÃO, Manuel Gaspar da - **Os Aterros da Área da Baixa de Lisboa: dos Romanos à Contemporaneidade**. Lisboa: Faculdade de Arquitetura da Universidade Lusíada de Lisboa, 2013. Dissertação em Arquitetura.

CORBOZ, André - **The Land as Palimpsest**. <https://www.atlasofplaces.com/essays/the-land-as-palimpsest/> (Acedido a 14 de Beil 2021).

FRANÇA, José-Augusto - **Lisboa História Física e Moral**. Lisboa: Livros Horizonte, 2008.

MACEDO, Luiz Pastor de – **Lisboa de Lés a Lés. Subsídios para a história das vias públicas da cidade**. Lisboa: Publicações Culturais da Câmara Municipal, 1943.

RIBEIRO, Orlando - **Le site et la croissance de Lisbonne**. Bulletin de l'Association de géographes français, n.º 115, Juin-Octobre 1938, pp. 99-103.

ROSSA, Walter – **Além da Baixa, Indícios de Planeamento Urbano da Lisboa Setecentista**. Lisboa: Instituto Português do Património Arquitectónico, 1998.

SANTANA, Eduardo & SUCENA, Eduardo - **Dicionário da História de Lisboa**. Lisboa: Livraria Escolar Editora, 1994.

SIMÃO, Inês; MIGUEZ, João; MACEDO, Marta; FREITAS, Teresa Alves de; FONSECA, Cristóvão; BETTENCOURT, José – **Da Ribeira Velha ao Campo das Cebolas, Alguns Dados Sobre a Evolução da Frente Ribeirinha de Lisboa**. **Arqueologia**

em Portugal, 2017-Estado da Questão. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses: 2017, pp. 1901-1913.

SOUSA, Nestor de - O Largo do Rato, placa distributiva de Lisboa, espaço de vários espaços. **Arquipélago - Revista da Universidade dos Açores.** Ponta Delgada: Universidade dos Açores. Vol. 7, nº 2 (1985), pp. 55-100.

SILVA, Augusto Vieira da – **Plantas Topográficas de Lisboa.** Lisboa: Oficinas Gráficas da Câmara Municipal de Lisboa, 1950.

Conteúdos Online

Arquivo de Lisboa/Arquivo Fotográfico de Lisboa - <http://arquivomunicipal.cm-lisboa.pt/pt/>

Lisboa Interativa da Câmara Municipal de Lisboa - <https://lisboainterativa.pt>

Museu de Lisboa - <http://www.museudelisboa.pt/pecas/detalhe/news/mercado-da-ribeira-velha.html>

Plataforma LxConventos - <http://lxconventos.cm-lisboa.pt/>

Plataforma de Dados Abertos *Geodados* da Câmara Municipal de Lisboa - <https://geodados.cm-lisboa.pt>